

O cenário “impensável” da purificação

1. O filme já é conhecido e prevêem-se sessões contínuas.

Primeiro foi a Grécia e a crise de Maio. A reacção foi lenta. A chanceler arrastou os pés até perceber, na 25.ª hora, que era o euro que estava em causa. A Europa foi em socorro da Grécia, “disparou” o seu fundo de 750 mil milhões de euros, ameaçou os “párias” periféricos e foi descansar.

O filme recomeçou há um mês com a Irlanda, com algumas mudanças nos diálogos e na representação. Desta vez, o tom de desespero começou mais cedo, com muita gente a gritar que o euro e a Europa estavam em risco. A Irlanda resistiu enquanto pôde, antes de pedir socorro. Os ministros das Finanças reuniram-se em Bruxelas, aprovaram um pacote de 85 mil milhões de euros e declararam em uníssono: a Irlanda está salva, o contágio estancado, longa vida ao euro. Até à próxima exibição num cinema perto de si.

Os mercados voltaram a ignorar liminarmente as declarações dos responsáveis europeus. Como ignoram os duríssimos pacotes de austeridade que cada um dos países periféricos da zona euro adoptou. Desconfiam da capacidade desses países para pagar o que devem porque desconfiam do efeito recessivo da austeridade sobre as respectivas economias.

Por esta estranha ordem natural das coisas, Portugal será muito provavelmente o país que se segue. Mas é já na Espanha que os responsáveis europeus pensam, enquanto proclamam, alto, o fim da crise e pressionam, baixo, Lisboa a pedir ajuda antes que seja tarde.

O que também não dizem mas sabem é que os mercados não estão a fazer um braço-de-ferro com as pequenas economias expostas à tempestade da crise global. Estão, sim, a apostar na sorte do próprio euro.

Por isso, não é sequer surpreendente, ainda que seja assustador, que os jornais comecem agora a falar da Bélgica ou da Itália, como igualmente vulneráveis.

Não é difícil compreender que, de salvação em salvação, é a moeda única europeia que está em causa e, com ela, naturalmente, a própria Europa. “O fracasso do euro - e consequentemente da União Europeia - seria o maior desastre pan-europeu desde 1945”, escrevia ontem Joschka Fischer.

Dito isto, a pergunta seguinte é relativamente simples: o que vai fazer a Alemanha? A tese da desorientação já não chega para justificar a política da avestruz, à espera que a tempestade passe, quanto mais não seja porque, todos os dias, há novas provas concludentes de que ela não passará por si.



Teresa de Sousa

2. Na cimeira da NATO em Lisboa, a imprensa deu-se conta de um encontro entre os líderes dos três maiores países da União. Angela Merkel, Nicolas Sarkozy e David Cameron teriam discutido o orçamento comunitário, o que faz todo o sentido. Mas também faz sentido admitir que os três líderes não passaram ao lado da crise europeia e das eventuais estratégias para resolvê-la. Cameron pode não pertencer ao filme do euro, mas, como se provou com a crise irlandesa, o seu país não é imune a uma catástrofe irlandesa como não será imune a uma *débâcle* europeia.

Se houve essa discussão entre os três (sintomaticamente, nenhum deles se lembrou de convidar Barroso ou Rompuy, que estavam ali ao lado), ela passou, provavelmente, pelo chamado cenário da “purificação”. António Vitorino, profundo conhecedor dos meandros do poder europeu, referia-o na sua última crónica no *Diário de Notícias*: “Alguns vêem nesta deriva uma tentativa de provocar a ‘purificação’ do euro, alijando a carga dos países mais vulneráveis. Ainda me recuso a aceitar que se possa estar de tal forma a brincar com o fogo”.

O tema é, com altos e baixos, matéria de reflexão dos analistas nos últimos tempos. Merkel já deu sinais de que pode ser implacável para salvar a estabilidade do euro nos termos que lhe convêm. Basta lembrar o debate do último Conselho Europeu sobre a revisão do Tratado de Lisboa. Berlim impôs essa revisão para “legalizar” um novo mecanismo de socorro aos países do euro que entrem em dificuldades financeiras mas também a quer (e ainda não desistiu disso, apesar da oposição generalizada) para penalizar politicamente os países infractores. Já há hoje no tratado uma cláusula de expulsão para países que sistematicamente infrinjam os valores e os princípios que estão na génese da integração europeia. A sua extensão para os que põem o euro em causa é uma possibilidade que a esta hora já deve ter sido discutida em Berlim.

3. A ideia de um núcleo duro de países europeus com níveis de desenvolvimento e políticas macroeconómicas convergentes não é nova. O célebre relatório Lamers-Schauble (Setembro de 1994), apresentado pela CDU alemã, previa a existência de um “núcleo duro” europeu de fronteiras limitadas, embora ainda sob as cores do europeísmo alemão da altura. Joschka Fischer voltou a ela em 2000, antes de ter percebido que essa “pequena Europa” já não fazia sentido num mundo em profunda mutação.

Pode agora regressar. Resta saber o que daria força a essa Europa restrita, liderada por uma Alemanha pode-



JOHN MACDOUGALL/AFP

Merkel já deu sinais

de que pode ser

implacável para

salvar a estabilidade

do euro nos termos

que lhe convêm

rosa. Que lugar para o Reino Unido e, sobretudo, que lugar para a França.

Não vale a pena ter ilusões. Quando hoje Merkel, Sarkozy e Cameron se encontram, deixando deliberadamente à margem os presidentes da Comissão e do Conselho Europeu, é

o poder de cada um deles que está em discussão. Mesmo que ainda possa haver da parte de Berlim e de Paris considerações relevantes sobre a ideia de uma Europa unida e forte, os caminhos para lá chegar já não serão provavelmente os mesmos.

4. Há, naturalmente, outro cenário possível. António Vitorino também lembrava que só haverá uma “solução europeia” para a crise da dívida dos países periféricos. Fischer resume-a em termos simples: “A Europa não precisa apenas de um mecanismo de resolução das crises financeiras dos países vulneráveis. Precisa de um mecanismo permanente de resolução das crises políticas, que não é mais do que uma união económica”. “A crença em que a estabilidade pode ser alcançada apenas com regras tecnocráticas, regulamentos e sanções numa zona euro cujas economias estão a divergir provará ser um erro.”

Este é um cenário impossível, dirão alguns. Talvez. Mas imaginem o outro. *Jornalista*